

A Idade do Ferro no baixo vale do Tejo

Ana Margarida Arruda¹

As escavações arqueológicas que têm decorrido em vários sítios do baixo vale do Tejo e do seu estuário permitiram recolher um significativo conjunto de dados sobre a Idade do Ferro da região (séculos VIII-III a.C.).



O estudo das cerâmicas, dos objectos de adorno, dos metais e mesmo dos carvões, dos pólenes e das sementes provenientes de povoados, como a Alcáçova de Santarém, Almaraz (Almada) e colina do Castelo de Lisboa, revelou muitos aspectos da ocupação humana desta área durante grande parte do I milénio a.C.

Os dados que existem permitem falar de uma frequência, intensa e continuada, das margens do Tejo por populações com origem no Mediterrâneo oriental, sendo seguro que, a partir de meados do século VIII a.C., navegadores e comerciantes fenícios foram presença assídua na região.

Sabe-se que, por um conjunto vário de razões, a antiga Fenícia iniciou, a partir dos princípios do I milénio a.C., um processo de emigração para o Ocidente, que significou a fundação de colónias em distintos pontos do Mediterrâneo Central e Ocidental, tanto na costa africana como na europeia. Apesar de Cartago ser, ainda hoje, a mais famosa colónia fenícia (fama essa que decorre, sobretudo, do papel que, mais tarde, protagoniza na luta contra Roma), o certo é que outras fundações coloniais tiveram também um papel determinante ao nível do comércio entre os dois extremos do Mar Mediterrâneo, concretamente as da Sicília, as da Sardenha e as da actual costa marroquina. No entanto, no que se refere à Península Ibérica, e ao contacto dos fenícios com o mundo atlântico, é obri-

¹ Investigadora da UNIARQ.
Centro de Arqueologia.
Faculdade de Letras, Lisboa.
Professora da variante
de Arqueologia do Curso
de História da Faculdade
de Letras de Lisboa
(email:
a.m.arruda@mail.doc.fl.ul.pt).

gatório destacar Cádiz ou Gadir, referida nos textos clássicos como a mais antiga colónia fenícia. Os trabalhos arqueológicos no terreno confirmariam, de facto, a antiguidade de Gadir e, também e sobretudo, a sua importância como local privilegiado de instalação de populações orientais, que acabaria por gerar uma dinâmica comercial e industrial que se prolongou até uma época avançada da sua ocupação romana.

Foi, certamente, a partir de Gadir, e de outras colónias fenícias instaladas na área do Estreito de Gibraltar, que dela talvez dependessem em termos políticos e administrativos, nomeadamente as que se conhecem na costa de Málaga e Granada, que se processaram todas as actividades económicas que conduziram esses fenícios ao Atlântico português, em geral e, muito particularmente, ao vale do Tejo. A grande maioria das cerâmicas encontradas nos povoados da Idade do Ferro do vale do Tejo (Lisboa, Almada, Santarém entre outros) não deixa dúvidas sobre a influência que a colonização fenícia ocidental teve sobre a região. Apesar de ser claro que apenas algumas dessas cerâmicas são exteriores ao território em análise, tratando-se de importações da área de influência de Gadir, o estudo demonstrou que, também localmente, se produziram vasos de mesa, cozinha e armazenamento com tecnologias eminentemente orientais. Não só a roda de oleiro passou a ser utilizada na produção cerâmica, mas as técnicas decorativas e as próprias formas têm origem na área mediterrânea. Este facto permite pensar que, para além das viagens efectuadas, os fenícios podem ter-se estabelecido nos povoados indígenas, criando para o efeito *bairros* próprios.

Também os objectos de adorno encontrados remetem para a mesma origem. As contas de colar de pasta vítrea, algumas com decoração oculada, de Almaraz e de Santarém, e os escaravelhos egipcizantes de Muge são, do ponto de vista tecnológico e cultural, exteriores ao território peninsular, não restando dúvidas que é na área mediterrânea que deve procurar-se a sua origem ou, pelo menos, os seus modelos.

As escavações arqueológicas nos sítios da Idade do Ferro do vale do Tejo demonstraram ainda que, aqui, a metalurgia do ferro está claramente associada à presença orientalizante. Em Santarém, ficou provado que a prata foi também explorada a partir dos inícios do contacto da região com os navegadores/comerciantes fenícios.

As análises de pólenes que se efectuaram na região de Alpiarça trouxeram também um importante contributo para o estudo da Idade do Ferro do vale do Tejo. Num momento que coincide com a chegada dos primeiros agentes do comércio mediterrâneo à região, o plantio de vinha passou a ser efectuado em larga escala. Tal facto permite afirmar que o consumo do vinho se tornou então um hábito, hábito esse cuja introdução no território em análise poderá ser assacado aos referidos comerciantes fenícios. As mesmas análises mostraram também que as áreas destinadas à agricultura passaram a dominar a paisagem do vale do Tejo, notando-se um evidente recuo na área arborizada.

Neste mesmo momento, as habitações são de planta rectangular ou quadrangular, o que contrasta com as cabanas circulares ou ovais da Idade do Bronze, passando a utilizar-se para a sua construção tijolos de argila crua. São os chamados adobes, cuja origem pode igualmente procurar-se na área mediterrânea. Os dados que as escavações têm permitido recolher mostram também que o orientalismo de que se reveste esta I Idade do Ferro não é abandonado nos sítios da região, que mantêm, até à romanização, materiais que confirmam que as relações com o Mediterrâneo não esmorecem na segunda metade do I milénio a.C., como é o caso da cerâmica grega e de algumas ânforas fabricadas nos centros oleiros da



Urna cinerária. Pavões. Coruche
[Foto de José Pessoa / Divisão
de Documentação Fotográfica / Instituto
Português de Museus]

Baía de Cádiz. Tudo indica, portanto, que os fenícios não abandonaram a região, tendo permanecido instalados nos povoados que, em parte, ocuparam em meados do século VIII a.C., e tenham continuado a privilegiar as relações com os seus antepassados gaditanos.

Uma II Idade do Ferro de características continentais, materializada em espólios habitualmente associados ao mundo do interior da Península, não está pois ainda claramente documentada na região, apesar de alguns fragmentos de cerâmicas decoradas com estampilhas, encontrados em sítios localizados no vale do Sorraia, como por exemplo Calabre, e ainda a urna cinerária da Herdade dos Pavões,² poderem indiciar que a região que engloba o Baixo Tejo e seus afluentes foi, afinal, durante a Idade do Ferro, uma área onde convergiram influências e culturas de origem diversa. Só futuros trabalhos de campo, concretamente escavações arqueológicas nesses sítios, poderão confirmar se a área em análise foi também, a partir do século V a.C., frequentada, ou mesmo ocupada, por populações com uma outra origem que não a mediterrânea e tentar compreender como se processaram então as relações entre os diversos núcleos de povoamento onde aparentemente coexistem culturas materiais distintas quanto à origem e, naturalmente, quanto à filiação cultural.

De qualquer modo, parece certo que, à chegada dos romanos, concretamente quando Décimo Júnio Bruto, em 138 a.C., atravessou, com o seu exército, a região, o vale do Sorraia era já uma área intensamente ocupada, como ficou evidenciado pelo abundante número de sítios arqueológicos detectados durante as prospecções. As características dos materiais recolhidos nesses sítios indicam uma ocupação predominantemente datada da segunda metade do I milénio a.C.

Durante a Proto-História, o grande mar, herdeiro da transgressão flandriana (grande subida do nível das águas do mar, ocorrida em 5000 B.P.), que o actual estuário do Tejo constituía, incluía também o vale do Sorraia, o que explica que ele não tenha ficado à margem dos grandes movimentos comerciais que, aqui, ocorreram durante todo o I milénio a.C.

² Ver Relatório na página seguinte.

Sugestões de leitura

ARRUDA, ANA MARGARIDA (2002), «Fenícios y Mundo Indígena en el Centro y Sur de Portugal: en Tono a las Historias Posibles», *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, n.º 5, Barcelona.

ARRUDA, ANA MARGARIDA (2002), «A Alcáçova de Santarém e os Fenícios no Estuário do Tejo», *De Scallabis a*

Santarém, Lisboa: IPM/Câmara Municipal de Santarém.

AUBET, M. E. (1987), *Tiro y las Colonias Fenicias de Occident*, Ediciones Bellaterra, Barcelona.